

LITERATURA EM PORTUGAL, HOJE

Susana Schild

CADERNO

B

Melo e Castro, Fernanda Botelho, Bernardo Santareno, Augusto Abelaira e Cardoso Pires: a nova literatura portuguesa, testemunha e agente das transformações em curso em Portugal



Não se tem escrito muito em Portugal, depois do 25 de abril. São os próprios escritores que o confessam: seria mais importante viver as transformações em processo no país. Essas mudanças, no entanto, se deram e se dão por força de acontecimentos aos quais não estiveram alheios os ventos de renovação — da prosa, da poesia e do teatro — que açoiaram os anos de decadência do antigo regime. Temas e formas dessa nova criação literária, destinados a um maior aprofundamento e a novas variações na sociedade portuguesa de hoje, estão aqui representados por cinco renovadores que acabam de visitar o Brasil, escolhidos pelos alunos de Literatura Portuguesa Contemporânea da Universidade de São Paulo.

AUGUSTO ABELAIRA O MESMO ROMANCE (ANTI-SALAZARISTA) RECENTE

TENHO a sensação de estar escrevendo sempre o mesmo romance, ainda que de uma perspectiva diferente. Como o último livro não me satisfaz, começo outro para dizer o que não disse no anterior e também para acrescentar experiências novas. Embora nascido numa aldeia, faço parte de uma geração de escritores que tenta trazer o romance de volta à cidade, depois de um longo — desde Eça de Queirós — exílio no campo.

Augusto Abelaira participa desse movimento de retorno com uma obra que já chegou aos oito livros publicados e duas peças de teatro. Todos tratando "de uma velha instituição que, aparentemente, o mundo moderno já superou: o casamento". Em *A Cidade das Flores* — editado também no Brasil — e, de resto, em toda a sua produção literária, ele usa o casamento e as relações amorosas como referência fundamental para uma análise dos meios portugueses "mais ou menos intelectualizados", à época do salazarismo. Abelaira não sabe que outra instituição poderia substituir o casamento:

— Acreditado — diz — que a literatura é mais um meio de inventar questões do que de respondê-las. Depois do 25 de abril, por exemplo, observou-se em Portugal um desinteresse do público pela ficção. Trata-se de um público pouco cultivado, que se defrontou com problemas novos, para os quais procurou respostas na literatura ensaística, política e social. Encontrando ou não essas respostas, o público se voltará novamente para a ficção. Mas os escritores ainda não tiveram muito tempo para escrever: estavam mais preocupados em viver os acontecimentos. Além disso, um romance leva tempo para ser escrito e provavelmente as consequências do 25 de abril sobre a literatura só deverão se revelar dentro de dois ou três anos.

Formando em Filosofia e História, Augusto Abelaira dedicou-se durante algum tempo ao ensino, passando depois para a área de editoração e jornalismo. Foi diretor da revista *Seara Nova* e, em janeiro de 1974, editorialista do jornal *O Século*, de Lisboa, passando em abril a diretor da revista *Vida Mundial*. Atualmente, divide seu tempo entre a função de diretor-adjunto do Departamento Cultural da Rádio e Televisão Portuguesa e a atividade de escritor.

Em São Paulo, onde manteve contato com professores e estudantes de Literatura Moderna Contemporânea, ficou muito impressionado:

— Posso dizer que a Literatura Portuguesa Contemporânea é mais estudada em São Paulo do que nas universidades portuguesas. A análise literária das universidades paulistas é mais profunda, mais moderna e mais crítica do que a de Portugal.

Ressalto que a literatura brasileira, sobretudo através dos livros de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado e Erico Veríssimo, teve profunda influência "sobre o romance que se escreveu em Portugal de 1930 a 1950. Hoje em dia — constata — embora permaneça a popularidade de alguns escritores, principalmente Guimarães Rosa, não se verifica mais a influência de antes".

CARDOSO PIRES O "MARIALVISMO" E O TRAUMA DA NOVA REALIDADE

EM seu livro *Cartilha de um Marialva*, Cardoso Pires faz um estudo das relações patriarcalistas e traça um perfil da mulher na sociedade portuguesa contemporânea. Sem querer, criou uma nova expressão de gíria, o marialvismo, que se tornou um sinônimo do machismo, tema presente na maioria dos oito livros que publicou até agora.

José Cardoso Pires se define como escritor de boa vontade e antidemagógico, com uma obra anti-romântica, de estrutura romanesca não cartesiana e não linear, na qual o problema do espaço e do tempo adquire uma dimensão diferente. Sua única peça teatral — *O Render dos Heróis* — marcou, segundo ele, uma viragem no teatro português, por ser a primeira obra histórica com tendências atuais. Pelo seu livro *O Hóspede de Job*, que trata do problema militar e da influência americana no Exército português, recebeu o prêmio Camilo Castelo Branco, da Sociedade Portuguesa de Escritores. *O Delím*, que trata da destruição dos privilégios patronais na sociedade portuguesa, foi editado no Brasil, pela Civilização Brasileira.

Cardoso faz questão de dizer que a sua insistência em temas que falem da mulher numa sociedade patronal não o enquadra nas abordagens tradicionais do mo-

vimento feminista, que considera primário: "Basta ver que é simbolizado pela queima de sútiás." Ele analisa as limitações da mulher na sociedade portuguesa, as suas dificuldades de acesso ao ensino e as causas mais profundas de seu atraso: a formação familiar, social e cultural.

De outubro de 1974 até janeiro deste ano, Cardoso Pires foi vereador na Capital portuguesa e diretor-adjunto do jornal *Diário de Lisboa*:

— Nesse período abandonei a literatura para me engajar no momento histórico do meu país. Agora, abandono essas atividades — de vereador e de jornalista — porque não me sobrava tempo para escrever.

Vivendo atualmente apenas dos direitos de seus livros, Cardoso Pires trabalha em seu novo romance, que trata da fratura súbita que o 25 de abril causou nas estruturas familiares, de grupos esquerdistas.

— Há uma profunda contradição — explica o escritor — entre uma posição de esquerda que se tem durante o fascismo e o choque que surge com uma nova realidade. O meu livro trata das pessoas que foram ultrapassadas pelo próprio movimento do país e que têm, subitamente, seus privilégios ameaçados. Seria uma análise das contradições de uma burguesia esclarecida e culturalmente progressista diante do processo revolucionário, os exageros que se praticam, os traumas decorrentes disso tudo e os abalos familiares, às vezes intoleráveis.

Nessa terceira visita ao Brasil — a primeira foi em 1969 e a segunda em 1971, para o lançamento de *O Delím* — Cardoso, assim como Augusto Abelaira, mostrou-se surpreso com o nível dos professores e alunos que estudam a literatura portuguesa contemporânea:

— Os universitários estão muito atualizados, mas o mais importante é que investigam essa literatura com uma metodologia criativa e estão muito mais avançados do que os próprios portugueses. Mas isso não chega a ser uma surpresa: a pessoa que mais conhece a poesia medieval portuguesa é um inglês — Stephen Reckert — o único Camões professor da Universidade de Londres.

FERNANDA BOTELHO A FUGA DAS IDIOSINCRASIAS NA BUSCA DA PROFISSÃO

FERNANDA BOTELHO começou escrevendo poemas, "como todos os portugueses". Seu primeiro livro publicado, *O Enigma das Sete Aléneas* (1956), tratava da própria criação literária e apresentou uma inovação: não havia o tempo, todos os problemas conjugavam-se em apenas um ponto. No livro seguinte, *O Angulo Raso* (1957), Fernanda abordava a vida da juventude universitária. Tem atualmente sete livros publicados, e recebeu o Prêmio Camilo Castelo Branco pelo livro *A Gata e a Fábula*, em 1961.

— Os personagens dos meus livros, embora não sejam os mesmos, foram envelhecendo comigo. Escrevia sobre as pessoas da minha faixa etária, dos meus contatos na cidade, com referências à Província do Minho. Não acho que um escritor possa desligar-se de uma realidade social, mesmo que o deseje. O simples fato de escrever já demonstra uma preocupação com a realidade.

Ao observar que talvez em nenhuma outra literatura haja tantas escritoras como na de Portugal, Fernanda fala da mulher portuguesa, em geral:

— Ela não é propriamente atrasada e percebeu que o casamento não traz uma solução para seus problemas. O homem português tem às vezes idiosincrasias bastante árabes e, em parte por isso, não se pode dizer que a mulher portuguesa seja feliz no casamento. Nem este nem o homem, por essa razão, impede que as mulheres procurem tanto, hoje, uma profissão, inclusive ligada à literatura.

Formada em Filosofia Clássica pelas Universidades de Coimbra e de Lisboa, Fernanda Botelho percebeu, depois que terminou os cursos, que não poderia ser professora, por não se sentir capaz de transmitir a mesma linguagem a turmas de 30 ou 40 crianças, cada uma com compreensão diferente do que se transmite. Passou a trabalhar na Delegação Oficial de Turismo da Bélgica, em Lisboa, órgão que dirige atualmente.

— A literatura é uma espécie de exultório, de catarse de todas as falências pessoais. Não abordo apenas os problemas das mulheres, os dos homens também estão presentes. Muitas vezes, são problemas comuns. Começo a escrever a partir de um pequeno detalhe, que pode me chamar a atenção na rua. Faço então um plano muito primitivo, que vou alterando no decorrer da história. O mais fascinante no ato de escrever, para mim, está na fabricação dos personagens. Coloco-os em funcionamento, mas depois de algum tempo eles se impõem e, por já estarem de tal forma construídos, não consigo mais controlá-los. E assim, eu, que deveria conquistar alguns personagens, acabo totalmente conquistada por eles.

No próximo ano, Fernanda deverá publicar *Esta Noite Sonhei com Bruegel*. Trabalha atualmente também em um novo livro de poesias, *A Tábuca de Um Lugar Intimo*.

MELO E CASTRO A FORÇA DO GRAFISMO E DA POESIA DOS MUROS

ERNESTO MANUEL DE MELO E CASTRO veio ao Brasil pela primeira vez em 1966, a convite do Itamarati, para estabelecer contatos mais estreitos com um grupo de poetas concretistas. Durante um certo período, serviu de intermediário, na Europa, da poesia concretista brasileira, principalmente na ligação com um grupo inglês que povoava o suplemento literário do *Times*. Nessa viagem ao Brasil, Melo e Castro fez conferências em São Paulo e Belo Horizonte. Colaborou em alguns números do suplemento literário *Minas Gerais*, que começava a ser publicado naquela época. Mais tarde, aproximou-se de poetas do grupo *Poesia Processo*.

Melo e Castro concilia a profissão de engenheiro têxtil com a função de vice-presidente da Associação Portuguesa de Escritores. É, no entanto, na crítica literária e, sobretudo, na poesia, que estão seus interesses principais. Começou a escrever aos 17 anos, mas acha que a sua primeira intervenção criativa na literatura portuguesa ocorreu em 1961, com a publicação do seu livro *Queda Livre*, que contribuiu para definir a renovação da poesia portuguesa no começo da década de 60.

— *Queda Livre* foi lançado simultaneamente com uma publicação coletiva chamada *Poesia 61*. Havia várias coisas em comum. Propunhamos algumas coisas novas, como, por exemplo, uma fragmentação do discurso lírico convencional, uma luta contra a discursividade e contra o sentimentalismo, que eram as características da poesia portuguesa sustentada pelo establishment. Ao mesmo tempo, propunha-se também algo mais importante: a transformação da poesia em um ato de comunicação dentro de um contexto sociopolítico adverso e a inclusão, no ato poético, de uma dimensão de pesquisa e invenção linguística.

Partindo dessas intenções, Melo e Castro empenhou-se em estabelecer contatos com grupos de poesia de vanguarda e experimental no Brasil e na Europa:

— Há mais de 10 anos a minha pesquisa se tem diversificado, principalmente, em duas linhas: o aprofundamento da poesia visual, com tendências conceituais europeias, e a poesia escrita, onde procuro o desenvolvimento de uma sintaxe combinatória e um reencontro com as verdadeiras fontes do barroco português.

Suas poesias não têm temas, "visão das poesias do século XIX". Ele, como um poeta do final do século XX, trabalha em torno de constelações de imagens e referências:

— Os núcleos de interesse de minhas poesias são, em grande parte, reflexões sobre o próprio fenômeno criativo através das palavras. Por outro lado, refletem uma vivência aventureira do humor, com raiz em Camões. Além disso, envolvem uma crítica social intensa, feita principalmente através da subversão da linguagem aceita pelas forças dominantes.

Como crítico literário, Melo e Castro escreveu *Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa*, agora na quarta edição, um livro básico no estudo da literatura portuguesa moderna. O seu livro de crítica da poesia atual, *Próprio Poético*, editado no Brasil, consta da bibliografia curricular da Universidade de São Paulo.

— Os acontecimentos de 25 de abril vieram confirmar, principalmente através da explosão popular do visualismo — comunicação visual através de sinais, inscrições murais, grafismos etc. — que os postulados da poesia experimental de 1960, no que diz respeito à força de comunicação visual coletiva, estavam certos. Em Portugal, a grande manifestação poética depois de 25 de abril está nos muros, nas paredes e nos sinais de trânsito violados, com a transferência de um código de transito para um código poético. Além disso, existe um surto de poesia popular oral, principalmente no Alentejo, enquanto o poema cantado está mais presente na zona comercial.

BERNARDO SANTARENO A MISÉRIA DAS ALDEIAS DE PESCA E DA ZONA RURAL

BERNARDO SANTARENO é médico e trabalha atualmente como psicólogo. Estreou como autor teatral em 1957, publicando um livro com três peças. Uma delas, *A Promessa*, foi imediatamente montada e retirada de cartaz quatro dias depois. Tratava dos habitantes de uma pequena aldeia de pescadores, de seu meio miserável, dos seus hábitos, de seus costumes morais e sexuais.

— Em minhas peças — afirma Santareno — procuro denunciar a miséria econômica, social e cultural dos habitantes das aldeias de pesca e da zona rural. Por abordarem geralmente a repressão sexual, foram muitas vezes consideradas imorais. A maioria das minhas peças não pôde subir ao palco — era apenas publicada. As vezes, sete, oito anos depois do lançamento em livro, algumas tinham permissão para serem encenadas.

Entre suas peças está *O Duelo*, montada em São Paulo no ano passado, quando Santareno veio ao Brasil pela primeira vez. Sua última criação, *Português, Escritor, 45 Anos de Idade*, está sendo apresentada em Lisboa e é, em parte, autobiográfica.

— A peça conta a história de um escritor e dos fantasmas internos que traz dentro de si desde a infância, denunciando os males que um regime de força faz desabar sobre a intelectualidade.

— Atualmente — diz Santareno — verifica-se em Portugal um grande interesse da juventude pelo teatro, mas o maior espetáculo teatral desde o 25 de abril foram os cômicos. Há uma proliferação de grupos de teatro amador, que apresentam, muitas vezes, peças de criação coletiva abordando problemas políticos, sociais e econômicos. Esse trabalho tem sido feito também por grupos teatrais independentes, que dividem juntos os riscos e o sucesso. Hoje, a maior preocupação dos que fazem teatro está na formação dos grupos independentes, que lutam contra o monopólio empresarial, não querem mais depender de uma estrutura ligada ao antigo regime.



**NA TIJUCA,
O MELHOR MÓVEL COLONIAL
E O MELHOR PREÇO.**

Se Você não acredita nisso, passe na Casa Amarela, antes de comprar seus móveis coloniais.

Lá, Você encontra decorador para opinar e projetar, sem compromisso, sua decoração.

CASA AMARELA
Rua Conde de Bonfim, 501-B — Fone: 268-7825
Esquina da Rua Henry Ford
3ª e 6ª aberta até às 22 horas